

HISTÓRIA GLOBAL DA LITERATURA PORTUGUESA

DIREÇÃO

Annabela Rita
Isabel Ponce de Leão
José Eduardo Franco
Miguel Real


COORDENAÇÃO

Carlos Carreto
Isabel Morujão
Micaela Ramon
Luísa Malato
Luísa Paolinelli
Dionísio Vila Maior
Maria do Carmo Mendes

TEMAS E DEBATES

Literatura mística: Expressões nacionais de um fenômeno global

O ápice da mística ocidental é alcançado nas obras de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, nas quais se consegue a unidade perfeita entre experiência, doutrina e expressão literária místicas. É claro que, diante desse cânone normativo [...], é difícil falar de uma literatura mística portuguesa. Porém, [...] podemos admitir haver uma literatura espiritual que trata da “vida sobrenatural”, experiencial (no contexto da oração) da pessoa humana. [...] [O]s autores espirituais leem-se e influenciam-se mutuamente. Pelo menos até ao século xviii, não existem “fronteiras” nacionais. [...] Os textos de uns e de outros (como os dos portugueses Frei Heitor Pinto e Frei Tomé de Jesus, por exemplo) circulavam por toda a Europa.

 dominicano Jean-Pierre Jos-sua, numa obra de síntese de 1996, *Seul avec Dieu: l’Aventure Mystique*, definiu a mística como um assunto de textos. Tendo o termo que ver, etimologicamente, com o “mistério” – pertencendo, portanto, ao vocabulário da iniciação –, ele remete fundamentalmente para a aventura da busca da união com Deus, através da oração e do despojamento radical. Durante muito tempo, o termo foi usado como adjetivo, para qualificar quer os mistérios fundamentais do cristianismo (o sentido místico), quer o conhecimento intelectual do Transcendente

(a teologia mística). Apenas no final da Idade Média será usado como substantivo para designar as pessoas e a experiência mística, também esta acessível através de textos que são como que testamentos dessas pessoas místicas, que se leem e se influenciam umas às outras.

A união com Deus por meio da oração jamais é completa e durável nesta vida. Não obstante, ela parece impor-se como uma espécie de certeza interior da pessoa crente. *Grosso modo*, podemos conceber duas formas de mística: uma de tipo especulativo, extremamente audaciosa, que foi ensinada pelas beguinas e pelos

espirituais dominicanos medievais, amplamente influenciados pelo platonismo (mais concretamente, pelos escritos do Pseudo-Dionísio); a outra, mais simbólica e afetiva, que começou a ser desenvolvida por São Bernardo de Claraval, centrada na humanidade de Cristo e inspirada no livro bíblico do Cântico dos Cânticos. Esta última está marcada por uma profunda nostalgia de Deus, bem expressa nos degraus superiores do itinerário místico, que correspondem ao arrebatamento, ao êxtase (cf. *Tratado do Amor de Deus* do monge de Claraval) e às núpcias espirituais (cf. *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*).

O ápice da mística ocidental é alcançado nas obras de Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz, nas quais se consegue a unidade perfeita entre experiência, doutrina e expressão literária místicas. É claro que, diante desse cânon normativo – como referem Maria de Lourdes Belchior (1978) ou António José Saraiva e Óscar Lopes (1996) –, é difícil falar de uma literatura mística portuguesa. Porém, sem querer ser demasiado ambiciosos, podemos admitir haver uma literatura espiritual que trata da “vida sobrenatural”, experiencial (no contexto da oração), da pessoa humana (cf. Belchior, 1978). Do ponto de vista literário, os textos mais significativos dessa literatura não se afastam muito do que José Carlos Seabra Pereira (2023) chama de “estilos de época”.

Como dissemos anteriormente, os autores espirituais leem-se e influenciam-se mutuamente. Pelo menos até ao século XVIII, não existem “fronteiras” nacionais. Sendo assim,

não nos deixemos induzir em erro pelo facto de se falar, com alguma frequência, de “escolas” místicas (espanhola, francesa, italiana, etc.). Os textos de uns e de outros (como os dos portugueses Frei Heitor Pinto e Frei Tomé de Jesus, por exemplo) circulavam por toda a Europa.

Do *scriptorium* de Alcobaça, no final da Idade Média, saíram três obras literárias por vezes consideradas como traduções de obras estrangeiras, mas cuja originalidade (parcial ou total), hoje em dia, não sofre contestação: o *Horto do Esposo*, o *Bosco Deleitoso* e o *Diálogo de Robim e do Teólogo*.

A última é uma obra de tipo penitencial e doutrinal, onde não faltam os temas da virtude e da oração, que estarão no cerne da literatura espiritual de Quinhentos, e que inaugura também um género – o diálogo – que será recorrente neste tipo de literatura. O *Horto do Esposo* é uma obra de espiritualidade monástica, dirigida não apenas aos monges, mas a todos os cristãos (constava, por exemplo, da livraria de D. Duarte). O *Horto* apresenta um itinerário espiritual que tem por meta o Paraíso perdido, isto é, a experiência da intimidade e familiaridade com Deus, tal como foi vivida por Adão no paraíso genesíaco. Esse itinerário, é claro, assenta sobre dois pilares: o ascético e o místico (ou contemplativo). No âmago do livro encontra-se o “horto” do Esposo (Cristo), que não é mais do que a Sagrada Escritura que alimenta, através da *lectio divina*, o quotidiano do monge: da leitura à contemplação (e à ação), e incluindo a meditação e a oração. A ação implicada nesse exercício monástico, a to-

dos recomendado, caracteriza o livro quarto, dedicado todo ele à conduta do ser humano nesta terra. O *Bosco Deleitoso*, que conheceu uma edição impressa em 1515, é também uma narrativa de um itinerário espiritual de alguém que alcançou os cimos da vida contemplativa. Neste percurso, o narrador propõe como modelo da vida solitária uma comunidade de eremitas que mutuamente se apoiam. No coração da obra, encontramos uma tradução (bastante livre) do *De Vita Solitaria* de Francesco Petrarca. A última parte é composta por um pequeno tratado de teologia mística, visando a subida “ao alto monte da contemplação”, onde se podem notar influências dos místicos renanos.

A centúria de Quinhentos ficou marcada pelo último esforço de reforma – da Igreja e das ordens religiosas –, culminando um processo que já vinha desde início do século XIV: a reforma de toda Igreja, na cabeça e nos membros. No âmbito das ordens religiosas, essa reforma toma corpo nas chamadas “observâncias”, isto é, no retorno à antiga observância, não apenas da regra original, mas sobretudo do carisma da Ordem e das vivências dos fundadores. Surgem então várias expressões espirituais: a observante (onde se inclui a mais radical, a da descalez), a monástica congregacionista e a moderna (sobretudo jesuíta).

A espiritualidade observante, dominante, marca o grupo em redor do cardeal-infante D. Henrique, inicialmente recetivo às influências franciscanas capuchas e dominicanas (e.g. D. Gaspar de Leão, Francisco de Sousa Tavares e D. Manuel de Portugal), mas depois, com a che-

gada do dominicano espanhol Frei Luís de Granada, incorpora também elementos da nova espiritualidade jesuíta (e.g. Frei Tomé de Jesus, e o próprio cardeal D. Henrique). Não considerando as obras dos espirituais e reformadores estrangeiros que atuaram em Portugal e foram extremamente influentes (Frei Pedro de Alcântara, Frei Luís de Granada, Frei Luís Montoia e Francisco Monzón), as grandes obras espirituais deste círculo, animado pelo dominicano granadino, foram: o *Livro de Doutrina Espiritual* (1564) de Francisco de Sousa Tavares; a *Mística Teologia* (1568) de Frei Sebastião Toscano (que, apesar do título, não trata especificamente da teologia mística); o *Desengano de Perdidos* (1573) de D. Gaspar de Leão (sobretudo a terceira parte); as *Meditações* (1574) do cardeal D. Henrique; os *Diálogos* (nas duas edições de 1589 e 1604, esta última revista pelo próprio autor) de Frei Amador Arrais; os *Trabalhos de Jesus* (1601 e 1609) de Frei Tomé de Jesus; e as *Obras* (1605) de D. Manuel de Portugal, de que faz parte o *Tratado Breve da Oração* (já aprovado em 1574, e que circulou como manuscrito). Eventualmente, poderíamos também incluir obras dos dominicanos Frei Bartolomeu dos Mártires e Frei Nicolau Dias.

A espiritualidade monástica foi renovada no século XV por duas novas ordens, os Jerónimos e os Loios, muito abertos à corrente da *devotio moderna* e à reforma congregacionista levada a cabo em Itália (Cónegos de São Jorge de Alga), na Alemanha (Congregação de Windesheim) e em Espanha (Congregação de São Bento de Valladolid). Nelas se inspi-

raram, no século seguinte, os reformadores portugueses dos Cónegos Regrantes Agostinhos, da Ordem de Cristo, bem como dos Beneditinos e dos Cistercienses. As duas obras mais significativas desta espiritualidade são, sem dúvida, a *Imagem da Vida Cristã* (1563 e 1572) de Frei Heitor Pinto e a *Vôz do Amado* (1579) de Frei Hilarião Brandão. A primeira, com claras influências da *devotio moderna* e do *Bosco Deleitoso*, exalta a vida solitária e a contemplação como verdadeira “filosofia cristã”. A segunda, uma contínua glosa do Cântico dos Cânticos, constitui o texto místico mais significativo de Quinhentos, estando estruturado segundo as três vias clássicas da teologia mística.

A espiritualidade jesuíta – contemplativos na ação – não nos deixou nenhuma obra significativa em Quinhentos, mas enforma toda a obra do Padre António Vieira, ou a *Arte de Orar* (1630) do Padre Diogo Monteiro. Esta última, tendo por objetivo principal a divulgação da oração mental – tema sobre o qual escreveram muitos espirituais seiscentistas de várias ordens (Frei Rodrigo de Deus, Frei Afonso da Cruz, Frei Pedro de Santo António, Frei António Freire, Frei Gregório Taveira, Frei Filipe da Luz, Frei Paulo de Vasconcelos, Frei Jorge de São José, etc.) –, inspira-se fortemente na doutrina inaciana dos exercícios espirituais e nessa espiritualidade da contemplação na ação.

No início de Seiscentos, Frei Agostinho da Cruz decidiu retirar-se definitivamente para uma ermida da serra da Arrábida e aí compôs uma série de poemas em que sobres-

sai o ideal contemplativo. Também os mosteiros femininos – de clausura, não o esqueçamos – albergaram figuras de grande valor literário e espiritual como Soror Violante do Céu, Sor. Maria do Céu e Soror Mariana da Glória. As suas obras, poéticas e em prosa, tiveram um grande reconhecimento na época.

Dentre os espirituais seiscentistas, além dos já mencionados jesuítas (os padres António Vieira e Diogo Monteiro), destacaram-se ainda o dominicano Frei Luís de Granada, o franciscano Frei António das Chagas e os dois oratorianos Padre Bartolomeu do Quental e Padre Manuel Bernardes. O primeiro, cronista da Ordem dos Pregadores, deu grande atenção à vida de alguns espirituais dominicanos: traduziu a biografia de Frei Henrique Suso, escreveu a vida de Frei Bartolomeu dos Mártires e, na *História de São Domingos*, pôs em relevo algumas figuras importantes da Ordem, como Santa Joana Princesa. Os outros três foram grandes apóstolos da oração mental, e as suas obras forneceram matéria para o exercício da mesma. Relevemos as várias *Meditações* (1666-1683) do Padre Bartolomeu do Quental e *Luz e Calor* (1696), desse grande prosador, o Padre Manuel Bernardes. De Frei António das Chagas, impõe-se uma menção especial às suas *Cartas Espirituais* (1684 e 1687), que o revelam como grande leitor de literatura espiritual e mística – de Frei Luís de Granada, Nicolau Ésquio, Santa Teresa de Jesus, São Francisco de Sales... e, provavelmente (apesar de nunca o citar), Frei Heitor Pinto – e um excelente diretor espiritual.

O Século das Luzes deve ser lido

em continuidade com o precedente, insistindo-se então na prática da oração mental e na direção espiritual, embora se consuma também muita literatura devocional. Na transição de um século para outro, são publicadas duas influentes obras de padres jesuítas: *Meditações para Todos os Dias da Semana* (1689) do Padre Alexandre de Gusmão e *Satisfação de Agravos e Confusão de Vingativos* (1700) do Padre João da Fonseca. Pouco tempo depois, em plena crise quietista, mas em defesa da oração de quiete – como já o fizera o Padre Manuel Bernardes –, o agostinho descalço Frei Agostinho de Santa Maria publicou o *Adeodato Contemplativo, e Universidade da Oração* (1713). O prolífero dominicano Frei Manuel Guilherme publicou duas obras sobre a direção espiritual: *Escada Mística de Jacob para Subir ao Céu da Perfeição* (1721) e *Cartas Diretivas e Doutriniais* (1730). Sobre a oração mental escreveram ainda com êxito Frei Manuel de Deus (*Luz e Método Fácil para Todos os que Quiserem Ter o Importante Exercício da Oração Mental*, 1735), o teatino D. Manuel Caetano de Sousa (*Cenáculo Místico*, 1745) e o capucho pietino Frei Joaquim de Vale de Prazeres (*Espelho Místico*, 1749). De cariz mais devoto são as obras dos oratorianos Padre Manuel Consciência, *Delícias do Coração Católico* (1724), e Padre Teodoro de Almeida, a começar pelos seus *Estímulos do Amor da Virgem Maria Mãe de Deus* (1759).

Os séculos XIX e XX portugueses foram menos propícios a este tipo de literatura. Seguindo Maria de Lurdes Belchior, podemos, contudo, mencionar o poeta místico beneditino

D. Bernardo de Vasconcelos (*Cântico de Amor* de 1933) e o espiritano Padre Joaquim Alves Correia (e.g. *A Vida Espiritual* de 1946). Mais recentemente, em *A Mística do Instante* (2014), José Tolentino Mendonça lança o convite à reinterpretação do sentido genuíno, bíblico, da experiência mística, que não se resume à tradicional versão espiritualista, intimista, mas compreende também o envolvimento dos sentidos corporais na descoberta da presença de Deus no instante do mundo.

Deste brevíssimo excuro, cremos ter sido perceptível a dívida dos autores portugueses às correntes de espiritualidade e mística estrangeiras. Como sugerimos no título, estamos perante expressões locais – portuguesas – de um fenómeno global. Não podia ser de outra maneira, uma vez que se trata de ensaios, narrativas ou versos que têm por base experiências pessoais, que não conhecem fronteiras e que mutuamente se influenciam. Mesmo nos séculos menos propícios a este tipo de literatura, como foram as centúrias de Oitocentos e Novecentos, a crise do misticismo foi também global, consequência do desenvolvimento de alguns processos em curso: a secularização da espiritualidade, a psicologização da mística e a politização da devoção. Por outro lado, importa referir que não estamos perante uma corrente de sentido único. Efetivamente, algumas das obras mencionadas aqui foram também traduzidas noutras línguas, o que é uma clara confirmação dessa grande partilha global que teve lugar nestes séculos.

BIBLIOGRAFIA

BELCHIOR, Maria de L., e MELO, G. C. de, “Mística, Literatura”, in COELHO, Jacinto do Prado (dir.), *Dicionário de Literatura*, 3.^a ed., Porto, Figueirinhas, 1978.

JOSSUA, Jean-Pierre, *Seul avec Dieu: l’Aventure Mystique*, Paris, Découvertes Gallimard, 1996.

NASCIMENTO, A. A. *et al.*, “Literatura religiosa”, in AZEVEDO, C. M. (dir.). *Dicionário de História Religiosa*

de Portugal, vol. III, s.l., Círculo de Leitores, 2001, pp. 113-138.

PEREIRA, J. C. Seabra, “Prefácio: Que morro por não morrer”, in ABRANTES, Eugénia, *Erotismo e Metáfora na Mística Portuguesa: Do Renascimento ao Barroco*, Lisboa, Theya, 2023, pp. 15-77.

SARAIVA, António J., e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 17.^a ed., Porto, Porto Editora, 1996.

PORFÍRIO PINTO

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta